

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CARRARA, Sérgio Luis. Sérgio Luis Carrara I (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 1min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Sérgio Luis Carrara I
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 23/11/2011

Duração: 1h 1min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1; MiniDV: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: AIDS(doença); América Latina; Antropologia; Fundação Ford; Imperialismo; Museu Nacional; Sexualidade; Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista 23 de novembro de 2011: O processo de chegada do entrevistado e de Maria Luiza Heilborn à coordenação do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) como dois antropólogos doutores do Museu Nacional; o projeto sobre o impacto social da Aids no Brasil no Instituto de Medicina Social (IMS) e a doação da Fundação Ford; objetivos do CLAM e a relação entre o IMS e Fundação Ford; o CLAM e a relação entre os países latinoamericanos; a relação da CLAM com o campo político; a desconfiança dos países da América do Sul para com o imperialismo do Brasil; o CLAM na África; o papel de Ondina Leal; o projeto Global Dialogue; a relação do CLAM com a Fundação Ford após o fim do Global Dialogue; a figura de Barbara Klugman; a importância da Fundação no campo da sexualidade; os 10 anos do CLAM, o website, a revista e a consolidação na UERJ.

Entrevista: 23/11/2011

L.O. – Sérgio, vamos dizer assim, nós vamos focar mais o próprio projeto que a Fundação Ford fez doações e acompanhamentos. Mas não há como deixar de ir para trás um pouquinho. Então, eu diria como uma primeira questão: como é que você historiciza que dois antropólogos, doutores do Museu Nacional, você e Maria Luiza, chegaram à direção, coordenação do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, Clam?

S.C. – Bem, como toda história tem vários começos e no caso, primeiro é importante pensar como é que dois antropólogos chegaram no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que é onde a gente trabalha, não é? Então, o Instituto de Medicina Social agrega não só epidemiologistas e profissionais da área de Saúde Pública, mas também um conjunto de profissionais da área de Ciências Sociais, sociólogos e antropólogos, refletindo, pesquisando questões relativas à saúde. Bom, dentre essas questões, uma delas é a sexualidade que há mais anos vem sendo um objeto importante de reflexão no Instituto de Medicina Social. Então, assim, o cruzamento da minha história, ou da nossa história, com a Fundação Ford se faz, em grande medida, através dessa reflexão em torno desses temas; de sexualidade, gênero também é importante. Mas no IMS, pelo menos, nos últimos 30 anos, essa relação começa, com a Ford, no final dos anos 80. Quando se organizou no meu departamento, ou seja, no departamento de Ciências Humanas e Saúde, um projeto bastante amplo sobre o impacto social da Aids no Brasil. De fato foi o primeiro projeto refletindo sobre o impacto social da Aids, não é? Então você tinha antropólogos seguramente. A coordenação geral estava com a professora Maria Andréa Loyola, que também era antropóloga, socióloga, envolvia psicanalistas, professor Jurandir Freire e Costa, professor Joel Birman, enfim. Alguns epidemiólogos, até de fora do departamento, se envolveram no projeto bastante grande, mas que tinha como foco a Aids, sexualidade, não é? Nesse momento, a professora Maria Luiza ainda não era dos quadros do IMS. Mas, enfim, essa questão começa a emergir com força dentro do IMS a partir disso e de uma dotação para pesquisa da Fundação Ford. Se não me engano foi uma pesquisa que durou dois anos. Uma pesquisa importante nesse sentido, porque foi de fato a primeira reflexão mais sistemática da área de Ciências Sociais sobre um problema, digamos que, até então, vinha sendo tratado muito mais do ponto de vista da Medicina e da Saúde. Nos anos 90 isso se desdobrou em um programa chamado Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde que foi

criado - bom, até onde eu saiba, porque eu não estava vinculado ao programa nesse momento - por um outro antropólogo, o professor Alexander Parker, que trabalhou no instituto durante muitos anos nesse período. E esse projeto também, em alguma medida como desdobramento do projeto inicial, recebeu, durante algum tempo, doações da Fundação Ford. Ele girava muito particularmente em torno da questão da Aids em vários aspectos. Esse programa que recebe a professora Maria Luiza que vai levar, obviamente, uma reflexão mais sobre sexualidade e gênero, e que nos anos 2000 vai criar o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.

L.O. – Só uma coisa, é esse programa que é o Cepesc?

S.C. – Não.

L.O. – Estávamos misturando o Clam como sendo derivado do Cepesc e não desse aí.

S.C. – Não, não.

L.O. – Está certo. Então tem que consertar essa...

H.A. – Mas é curioso que a doação, pelo menos na tabela de doações...

S.C. – Não, a doação vai para o Cepesc, Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva, que é uma entidade administrativa que administra a dotação.

L.O. – Está certo.

S.C. – Mas é uma entidade ligada ao IMS, ligado à Universidade.

L.O. – Então doa para este programa...

S.C. – Inicialmente doa para o programa, para que no âmbito do programa se criasse o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Era um centro... Você quer que eu fale

mais sobre o Centro?

L.O. – Essa que a gente... Vamos dizer assim, a gente lê alguns números e algumas informações e aí reconstrói uma história. Só que a gente não estava lá e não sabe. Você faz relações que necessariamente não são as que você conhecendo faz. Eu estou só corrigindo nosso equívoco aqui. Uma coisinha, não sei se Helena vai... A gente leu também que em projetos anteriores, o Instituto de Medicina Social recebeu apoio para junto com uma coisa chama Nepo, da Unicamp, Musa da Ufba, fazer um projeto na área de Saúde Reprodutiva. Você sabe alguma coisa disso ou não?

H.A. – Havia projetos separados, mas também algumas coisas interligadas entre esses institutos.

S.C. – Então, o Nepo, que é Núcleo de Estudos de População da Unicamp, foi coordenado, criado, durante anos, pela professora Elza Bérquo, não é? Você tem nos anos 90 uma série de projetos, aí não apenas sobre Aids, mas projetos mais voltados a questão de gênero, a questão da gravidez na adolescência que muito provavelmente é esse o projeto do qual vocês estão falando, que foi uma pesquisa muito cêntrica, coordenada no programa pela professora Maria Luiza, mas que envolvia o Nepo, envolvia a Bahia, envolvia o Sul, envolvia a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que era uma pesquisa quali-quantitativa sobre a questão da gravidez na adolescência. Quer dizer, é um outro aspecto que envolve a sexualidade, mas não necessariamente a Aids. A Aids não é...

L.O. – Está certo, era só para...

S.C. – Informação...

H.A. – Porque são muitos projetos, imagino, e a gente vê mesmo na tabela de doação que o Instituto de Medicina Social, nessa área de Saúde Reprodutiva, teve apoio da Fundação Ford.

S.C. - Foi um apoio constante, porque foram vários anos.

H.A. – A gente cita o Cepesc porque, como é essa tabela, é ele que aparece como o donatário. E existe realmente, eu acho que quase dez anos de doação ali.

S.C. – Do Cepesc, perdão?

H.A. – Para o Cepesc.

S.C. – O Clam já vai fazer dez anos, mas antes disso você teve mais... Então a gente está falando de uma relação que começa no final dos anos 80.

H.A - 1989.

S.C - Ou seja, nós estamos para vinte anos de relação. Uma relação bastante antiga.

L.O. – Me diga uma coisa, como é que esta relação entre, no fundo, o Instituto de Medicina Social e a Ford... Ou seja, você, se você lembrar ou souber, tinha um projeto e a Ford se aclopa ou a Ford que chega com a proposta. Porque a Ford, às vezes, financia e apoia proposta e programas que as pessoas têm e, às vezes, eles vão lá suscitar aquele programa. Como é que você vê...?

S.C. – Muito bom, eu não posso falar sobre os vinte anos e essa quantidade de projetos. É claro que teve ter tido vários tipos de relação nesses projetos. No caso do Clam, digamos que foi um projeto negociado entre a Ford e o IMS, não é? Porque, de fato, era uma proposta que vinha, uma forma mais abstrata, sendo gestada pela Ford, por uma rede de pessoas e pesquisadores, ativistas. Quer dizer, o Clam é um projeto muito especial. Como eu te disse, não é um projeto que dependesse diretamente da Ford do Brasil, ele vinha pela Ford americana, e envolvia uma rede de outros centros similares, a criação de centros nos Estados Unidos, na África, na América Latina e na Ásia. Bom, a proposta era a criação de centros que lidassem com questões relativas à sexualidade que tivessem uma abordagem política, uma reflexão política sobre essas questões, que fizesse um diálogo entre questões que são mais levantadas no campo do feminismo, dos direitos da mulher, dos direitos reprodutivos - como o aborto, contracepção - e algumas questões emergentes no campo, do que alguns chamam de direitos LGBT, direitos de

lésbicas, gays, travestis e transexuais, que é uma discussão que deriva, em certo sentido, de toda movimentação em torno da Aids. Então havia uma proposta muito formal, digamos assim, ou abstrata de pensar a confluência dessas áreas e construir um centro de referência que tivesse documentação que fizesse pesquisa, difundisse também conhecimento. Enfim, era uma proposta bastante aberta. Quer dizer, o que era mais importante para a Fundação naquele momento era que pudesse articular alguns países da América Latina em torno desse projeto. Inclusive, um projeto que se inicia na fase inicial, a sede é em Lima no Peru.

H.A. – Isso em 2002 ou...?

S.C. – 2002, 2003 quando o projeto é implantado, não é? Nós trabalhávamos apenas com Brasil, não é? Então a ideia também era trabalhar com uma rede de instituições no Brasil e me parece que a Ford deve... Bom, não sei como foi o processo interno, obviamente não posso falar sobre isso, mas imagino que eles tenham feito um levantamento das possibilidades de implantação de um centro desse tipo e tenham consultado o IMS, o Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde que já estava implantado, eles já tinham investimento antigo uma parceria, digamos, já consolidada para compor esse projeto. Então foi nesse sentido que nós entramos... A partir disso, o conteúdo, os modos, as questões, isso era absolutamente aberto. Então havia uma proposta que fosse um centro, de que ele articulasse países na América Latina, os países eram preferencialmente onde a Ford já atuava. Então era a região Andina, Colômbia, Peru, Chile, Argentina e Brasil, esses eram o primeiro grupo de países a serem articulados. Depois com o tempo e a partir de um movimento mais nosso, nos aproximando com o México bastante. Mas o formato, as questões, o conteúdo, isso era absolutamente aberto. Tanto é que eu acompanhei muitos outros centros que foram sendo montados e cada um tinha uma direção muito particular. Nisso a Fundação não interveio muito diretamente não.

L.O. – Tenta, vamos dizer assim, dar um pouquinho mais de concretude. O que esse Centro deveria fazer não, fez... Se é muito aberto, cada grupo se organizou de uma certa maneira. Porque eu estava lendo uma definição: “articular os nomes...”. Afinal de contas o que significa articular pesquisadores, fomentar o debate, coordenar atividades regionais...?

S.C. – Exemplos. Porque a gente também está falando de uma história de dez anos e teve várias

fases e várias atividades. Em relação à pesquisa, por exemplo, a gente tem finalizado agora... A gente tem uma série de pesquisas e uma delas era uma espécie de diagnóstico do que a gente chama de diagnóstico de política sexual nos diferentes países. Então, isso era uma proposta nossa, desenvolvida no âmbito desse projeto que era tentar articular essas questões, algumas levantadas pelo movimento feminista, pelas pesquisadoras que trabalham com gênero, outras mais pela questão da Aids, pelo movimento LGBT e tentando traçar painéis mais gerais do que a gente chama de política sexual. Quer dizer, geralmente as questões são tratadas separadamente no campo acadêmico brasileiro e também nos outros países. Então, quem estuda gênero trata de uma série de questões. Quem vai estudar homossexualidade trata de uma outra série. Prostituição é um que às vezes não dialogam. Então, o que a gente tentava, por exemplo, nessa linha de pesquisa era produzir cenários de políticas sexuais em diversos países. Então no caso no Brasil, a gente começou no Brasil, era: legislação, jurisprudência sobre aborto, prostituição, homossexualidade. Essas várias questões e a gente trabalhou principalmente política pública, legislação e jurisprudência. Esse mesmo trabalho foi sendo desenvolvido em outros países em rede de um certo modo, porque nós íamos, contratávamos... O Clam de fato emerge de uma rede, não é? Porque ele emerge com conselho consultivo, com várias... Enfim, ele aparece já em uma rede de instituições. Pois é, então a partir dessa rede a gente conseguia discutir este projeto que era também desenvolvido em outros lugares. Então hoje a gente tem um panorama da Argentina, da Colômbia, de dados comparáveis porque são parecidos, tem a mesma estrutura, o mesmo tipo de objeto. Isso tudo em uma longa negociação com vários núcleos de trabalho e de pesquisa em vários países. Ainda no exemplo de pesquisa temos, fechando agora, uma pesquisa de opiniões sobre aborto, envolvendo homens e mulheres. Então o protocolo de pesquisa que foi discutido em conjunto por profissionais – sociólogos, antropólogos – da Colômbia, da Argentina, do Chile, do Brasil. O mesmo protocolo se desenvolve em diferentes lugares. Esse é um outro exemplo. Isso no caso da pesquisa, não é? Bom, seminários, porque a gente acaba desenvolvendo seminários em vários lugares. Então a construção da rede é isso. Nós temos um website que é um website bilíngue... Nós estamos hoje com problema. Enfim, mas a gente pode discutir esses problemas de manutenção dessas coisas, porque algumas das nossas atividades são claramente acadêmicas e nós estamos dentro de uma Universidade. Então nós temos a pesquisa que eu estava comentando, nós temos uma revista eletrônica, acadêmica com board que envolve pessoas do México, Argentina, enfim, uma revista latinoamericana que publica nos dois idiomas. O que é muito interessante o

processo de aparecimento da revista. Porque inicialmente a gente pensava em ter uma linha de publicação que pudesse publicar os resultados dos trabalhos do Peru, da Colômbia no Brasil e trocar. Aí logo nós nos apercebemos do óbvio: na América Latina você não tem um sistema de distribuição de livros. Nós tivemos casos, por exemplo, de ir para o Uruguai em um congresso da antropologia do Mercosul. A gente leva uma quantidade enorme de livros que ficam todos na alfândega, porque ainda, além de serem estrangeiros, são sobre sexualidade. Então isso já levanta um problema mesmo que seja acadêmicos, não é? Então eles ficaram retidos. O que fez com que ao longo desse processo a gente investisse em revista eletrônica. Então nessa revista eletrônica você tem gente desses vários países em torno desses temas, essa é uma outra atividade que está mais ligada à difusão de conhecimento. Tem o website que reúne... É claro, ele está sediado no Brasil, a equipe mais de coordenação está no Brasil, mas ele tem pontos focais em diferentes países, não é? São geralmente estudantes ligados às universidades que são parceiras ou estão conectadas conosco de algum modo e que mandam notícias, que vão alimentando o website com notícias de outros... A ideia era fazer com que a informação circulasse nessa região. Eu dei um exemplo de atividade de pesquisa, de duas atividades de difusão, digamos: o website mais para um público amplo e a revista para um público mais acadêmico.

H.A. – Você comentou que a base começou no Peru e depois mudou para o Brasil, não é? Porque houve essa mudança? Já era uma coisa planejada? Porque depois ficou no Brasil direto, não teve uma mudança constante, não é?

S.C. – Pois é. Inicialmente, a ideia era que se construísse no Brasil um centro latinoamericano, na região. Um centro latinoamericano que articulasse alguns países, porque também a gente tem essas expressões que são grandiosas, mas... Então, inicialmente, eram nesses países: Colômbia, Chile, Peru, Argentina, Brasil. Era isso que a gente chamava, naquele momento, de América Latina, ou seja, bem pouco. Mas, enfim. Então a ideia era construir um centro que articulasse inicialmente esses países e depois fosse agregando outros. Havia um problema linguístico em jogo, óbvio. Então a avaliação inicial é que um centro desse tipo sediado no Brasil iria ter muito mais dificuldade de articular os países "hispanohablantes" do que se ele fosse sediado em alguns desses outros países. Então havia isso. Bom, isso do meu ponto de vista absolutamente, que dizer, não sei se isso entrou em linha de consideração pela Fundação,

mas o Brasil, dado o seu tamanho e sua potencialidade, nem sempre é visto como um parceiro, digamos, do mesmo peso. Há sempre uma ameaça de que o Brasil vá engolir os seus vizinhos, dado o seu tamanho. Enfim, isso é uma realidade. Então tinha uma questão por aí, digamos, mais geopolítica do que significa colocar isso com sede no Brasil, não é? E finalmente havia essa ideia de que o Brasil já era grande suficiente e que uma subsede, apenas para o Brasil, se justificaria pelo tamanho. Então se escolheu uma organização... E aí tinha uma outra inovação naquela época que era tentar colocar uma universidade em parceria com o grupo feminista que também desenvolve pesquisa, mas uma ONG do Peru que chama Flora Tristan, muito tradicional no movimento feminista. Então a sede seria no Flora Tristan e o Flora Tristan articulava, principalmente, os países da região Andina, Argentina e Chile, e nós ficaríamos articulando as redes no Brasil, estaríamos em contato com eles. Mas aí, por uma série de razões administrativas, a relação, enfim, do Flora com a Ford no Chile... Porque também tinha isto: Flora estava ligado ao escritório do Chile e nós estávamos ligados ao escritório do Brasil, embora tudo isso estivesse em conexão com Nova York em termos dos fundos. Mas em termos do diálogo com a Fundação, a gente estava em diálogo aqui, não é? E aí houve um processo particular, digamos, entre o Flora e o escritório do Chile que acabou inviabilizando a sede no Peru. Então isso, depois de uns dois anos, eu acho que foi em torno de 2005, acho eu, 2004-2005, a sede veio para o Brasil e nós ficamos com a incumbência de fazer a articulação com os outros países, quer dizer, fazer mais ativamente essa articulação, porque antes era o Flora que fazia essa articulação.

L.O. – Duas coisitas. A primeira que você deu exemplo das pesquisas e deu exemplo dessa, vamos dizer assim, como articulou e etc. Só uma questão: vocês tinham ou têm alguma proposta concreta de ação política, ou seja, de levar as demandas desses grupos e desses movimentos e implementar... Porque uma coisa é uma pesquisa em que eu levanto o que já fez e tal. Se tem, vamos dizer assim, uma como uma das saídas disso, o estudo, divulgo o conhecimento. Se tem essa saída da militância no sentido mais...

S.C. – No sentido mais tradicional de militância não, não é? Dentre várias conexões, a gente está aqui falando de conexão, havia uma outra conexão que estava implícita na articulação da Uerj com o grupo feminista no Peru que era construir algo que fizesse dialogar a academia e movimentos sociais. Então muitas das nossas atividades incluíam ativistas, seja do movimento

LGBT, seja do movimento feminista. Mas muito mais no sentido do diálogo do que da ação política direta. O Clam nunca teve uma ação política direta ou mais tradicional. É claro que as nossas atividades... Definição dos objetos de pesquisa, o modo de pesquisar, a gente tem também algumas atividades de formação, curso de especialização, algumas atividades de capacitação. Então isso a gente sempre teve um diálogo muito estreito com o campo político, seja com formuladores de políticas públicas, seja com ativistas. Mas não no sentido de uma ação direta política, mais no sentido de construção de informação socialmente relevante, politicamente relevantes, mas não...

L.O. – Está certo. Uma outra coisa. Estou aqui lembrando de coisas que a gente... Nessa relação com esses outros países e outros grupos da América do Sul, mais para não falar América Latina...

S.C. – Agora temos o México, mas é mais América do Sul.

H.A. – Mas o México está oficialmente integrado?

S.C. – Está. Em algumas atividades sim, em revista...

L.O. – Havia... Vocês tiveram alguma dificuldade nessa relação ou de alguma forma, vamos dizer assim, o termo deles em relação ao tamanho e a importância, vamos combinar, do Brasil, não se mostrou procedente, vocês conseguiram...?

S.C. – A gente conseguiu trabalhar essa questão, mas ela era evidente em alguns momentos e em alguns contextos. Por exemplo, no caso dessa pesquisa inicial sobre panorama das políticas sexuais. Essa pesquisa foi uma decisão das primeiras reuniões de articulação do Clam que envolviam várias outras instituições além do Flora Tristan e do Clam, envolvia instituições no Chile, envolvia na Argentina, o Cedes, envolvia a Colômbia, Universidade Nacional da Colômbia, vários profissionais em vários lugares que já começaram fazendo parte do conselho do Clam. O Clam tem um conselho... Enfim, ele já aparece em uma rede, não é?

L.O. – Só uma coisa: o Clam tem um conselho mesmo, tem um board...

S.C. – É, tem um board. O board que é consultivo, não é? Mas que tem pessoas de vários lugares, inclusive de países que não são esses: tem gente do Uruguai, tem gente do México que inicialmente não estava envolvido no projeto. Mas enfim, foi de uma reunião deste fórum, digamos assim, que a gente decidiu as primeiras atividades do Centro que seria a confecção de diagnóstico sobre política sexual, que é isso que eu estava me referindo, não é? Havia uma espécie de diagnóstico sobre o estado da pesquisa em sexualidade, direitos reprodutivos e sexuais, enfim, que era uma reflexão sobre o campo acadêmico científico nas Ciências Sociais, Humanas de um modo geral. E havia um outro documento que seria mais uma reflexão jurídica, naquele momento, sobre sexualidade e direitos humanos. Isso foi uma decisão tomada por esse board. Essa pesquisa, claro, pelo menos dois desses documentos seriam frutos de projetos de pesquisa tanto diagnóstico em relação à política sexual quanto estado da arte supunham grupos de pesquisa. Então esses documentos e pesquisa iriam ser feitos nesses países que estavam imediatamente envolvidos no projeto. No processo de implantação, isso foi feito no Brasil mais rapidamente. O primeiro diagnóstico das políticas sexuais, foi construído no Brasil e depois ele foi sendo feito nos outros lugares. Aí às vezes tinha essa sensação de que em alguns casos parecia que a nós estávamos levando uma fórmula que seria aplicada nos outros países e essas pessoas esqueciam que essa fórmula tinha sido decidida em conjunto, que só tinha sido aplicada antes no Brasil por uma razão de estar... Então às vezes a gente tinha que lidar um pouco com essa desconfiança com o imperialismo do Brasil, não é?

L.O. – E a África e outros... Vocês chegaram...?

H.A. – Outros centros, não é?

S.C. – Pois é. No caso do Centro na África, ele foi implantado em Lagos na Nigéria. E a missão quase impossível desse Centro era articular Egito... Porque também eram países onde a Fundação tinha escritório, o que facilitaria a construção da rede. Então era Egito, se não me engano Quênia e África do Sul. Isso linkados ou articulados a partir de lá, na Nigéria. Uma proposta muito complexa e que envolvia países de língua inglesa inicialmente. Bom, Egito menos, mas enfim. No caso do Quênia, da África do Sul e da Nigéria, não é? E os países de língua portuguesa ficaram de fora dessa estrutura inicial da montagem do centro na África. Nós

tínhamos muitas, temos ainda, notícias de que Moçambique, Angola, mas principalmente Moçambique acessam muito as informações do site e da revista, porque tem uma revista eletrônica e é de acesso gratuito. Então a gente sabe, enfim, eventualmente, com alguma frequência a gente sabe que pessoas da África. Agora a gente não conseguiu incluí-los. Agora isso é uma questão interessante, porque do ponto de vista da língua, nós talvez estivéssemos mais próximos dos países africanos, mas do ponto de vista regional, continental, estamos mais próximos dos países de língua espanhola. Então a gente sempre ficou muito interessado em tentar fazer articulações mais concretas, cooperações mais efetivas, com países africanos. Mas como a gente, enfim, tinha já um esforço enorme para conseguir fazer articulações para dentro do América Latina, a gente não conseguiu fazer articulações mais concretas. No caso, por exemplo... Essas atividades no caso do Peru, mesmo da Argentina, supõe acordos entre universidades, acordos entre centros de pesquisa e o Clam, alguns são convênios mesmo entre universidades. Então são coisas muito trabalhosas, porque essas articulações, em certa medida, algumas são feitas mais informalmente, agora outros são formalizadas, não é?

L.O. – Então tem uma teia burocrática que normalmente dificulta, mas em alguns casos facilita. Está certo. Então você está dando uma dimensão a esse projeto que eu tinha uma ideiazinha pequeninha. E como esse projeto vai fazer dez anos daqui a pouco, vamos dizer assim, o acompanhamento desse projeto era pela Ford daqui ou por Nova York?

H.A. – Quando a gente entrevistou Ondina, ela foi muito enfática, fez muitos elogios: “importantíssimo projeto, vocês têm que entrevistá-los”.

S.C. – Sim, a Ondina teve um papel muito importante nesse projeto, porque na época ela era program officer nessa área de sexualidade e gênero da Fundação. Então ela estava em contato com a program officer do mesmo tema no Chile. Então elas eram encarregadas, de algum modo, de propiciar esses encontros que pudessem dar suporte institucional ao projeto. Esse era um projeto muito grande, como eu te falei por telefone. Envolveria esses quatro centros regionais, só o americano era nacional – foi implantado em São Francisco. Os outros três eram regionais: o de Deli na Índia, a gente e o da África. Ainda tinha um componente que era uma, nem me lembro mais o nome, mas era uma espécie de núcleo para acompanhar criticamente a política nos Estados Unidos. A gente estava sobre Bush. Então é importante lembrar isso e o que o

Bush representou em termos da política sexual de um modo geral. Então tinha um grupo voltado a essa reflexão sobre política norteamericana. E, além disso, tinha um grupo só para avaliação, era um grupo baseado em Londres na Inglaterra. E tudo isso era chamados de Global Dialogue on Sexual Health and Well Being, seria Diálogo Global em Saúde e Bem-estar Sexual, esse era o nome do projeto traduzindo. Então envolvia esses centros, esse grupo que pensava a política norteamericana. Ah sim, um grupo que ao longo do processo acabou sediado também no Rio de Janeiro, na ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – que era um grupo que estava voltado apenas para acompanhar o que estava acontecendo no sistema ONU sobre sexualidade e reprodução, as conferências da mulher, a luta pelos direitos de LGBT, neste plano. Então tinha esse grupo que inicialmente chamava Internacional Sexuality... Agora se chama Internacional Sexuality Watch, que é mais um observatório desse plano. E um grupo de avaliação. Então tudo isso era um grande projeto chamado Global Dialogue que esteve vigente até 2009. Então você tinha um grupo. Eu nunca vivi, durante toda a minha trajetória, um projeto mais avaliado e acompanhado como esse, era uma coisa impressionante, porque você tinha um grupo apenas para isso.

L.O. – Cujo objetivo era avaliar o que estava acontecendo. [riso]

S.C. – É, agora foi um grupo que tinha uma proposta de avaliação relativamente aberta. Quer dizer, eles estavam muito envolvidos com a ideia de acompanhar a construção. Então era um acompanhamento que ele nos cobrava o estabelecimento de objetivos. Eles não nos cobravam objetivos pré-estabelecidos, eles nos cobravam que nós tivéssemos objetivos claros. Quer dizer, eles iam muito mais no sentido de uma construção institucional, de acompanhamento da construção institucional, de ficar atento aos processos, de registro contínuo das atividades...

L.O. – É o sonho de qualquer pesquisador...

S.C. – Em alguns momentos a gente ficava muito assoberbado com a quantidade de informação que a gente tinha que produzir. Agora...

L.O. – Esse Global Dialogue também era financiado pela Ford ou tinha...?

S.C. – Esse era o projeto da Ford.

L.O. – O projeto da Ford era esse. Tinha outros recursos de outras fontes ou você não sabe?

S.C. – Não, esse era...

L.O. - Esse era o projetão...

S.C. - Porque essa grande ideia de um Global Dialogue foi gestada (isso eu não acompanhei, é um pouco a pré-história do Clam) no âmbito da Fundação. Eu sei que houve reuniões com pessoas de vários lugares e eles tiveram esse projeto. A ideia era que construísse esses centros, que esses centros se comunicassem e estivessem articulados. Enfim, que seriam centros de pesquisa, de difusão de informação. Quer dizer, isto não era muito claro: exatamente como cada centro iria se constituir nem qual era a ênfase que cada um ia dar. Isso dependia um pouco da vocação, dos parceiros e dos atores envolvidos. Mas a ideia de que haveriam esses centros, que haveria um grupo monitorando a política internacional, isso era um projeto que vem da Fundação. A partir disso eles começam a fazer levantamentos, imagino eu, de quem poderia estar envolvido nisso em cada contexto regional, acionando seus program officers desses lugares que, eu acho, vão pensar nos que já estão nessa área recebendo recurso da Fundação, enfim, envolvidos.

H.A. – Em termos de doação, isso representa uma doação continuada também?

S.C. – Então, nesse momento não mais porque o Global Dialogue acabou. Essa grande arquitetura acabou em 2009, se não me engano. Mas inicialmente era um projeto que, pelo menos, duraria uns dez anos. Quer dizer, era um processo de construção institucional. Então você tem um outro tipo de aporte, de compromisso da própria Fundação, não é? Não é projeto de pesquisa apenas, é um projeto de uma rede de algumas instituições, não é?

H.A. – Aí no escritório brasileiro, a saída da Ondina praticamente representou também... Não existia mais esse programa específico, não que a questão da sexualidade não estivesse, eu acho que ela está muito presente na Fundação Ford. Mas especificamente um program officer

cuidando disso e o Global Dialogue acabando em 2009, como é que fica a relação de vocês com a Ford?

S.C. – Pois é. [riso] Eu não sei porque é uma coisa em andamento. Bom, nesse momento a gente continua recebendo dotações e verbas da Fundação Ford dos Estados Unidos. Quer dizer, a gente não faz parte do orçamento da Fundação Ford Brasil. Bom, é sempre algo em negociação, tipo, dimensão... Quer dizer, claro que a nossa perspectiva também nunca foi de que a Ford estaria eternamente ali, não é? Claro que a ideia é que essas instituições tenham depois uma... Enfim, que elas se consolidem. Nós estamos dentro de uma Universidade pública brasileira, então você tem também vários processos de institucionalização dessa experiência na própria Universidade. Obviamente também a gente tem outros projetos que não passam pela Ford, que recebem outros apoios desde CNPq até alguns projetos com Ministérios brasileiros, capacitação de... A gente tem um projeto grande importante para gente que é um projeto de formação sobre sexualidade, gênero e raça para professores do Ensino Fundamental. Um projeto que a gente construiu a metodologia. A gente aplicou, fez o piloto, mas a nossa função não é executar o projeto é criar os conteúdos que não passem nem por financiamentos da Ford. Mas isso me parece que é um processo natural. Você tem uma primeira aposta, digamos assim, da Fundação e depois um... Bom, aí depois os projetos vão começando a ganhar a sua autonomia, o que eles chamam de sustentabilidade.

L.O. – Sua vida própria. Ter recebido esse aporte... Aposta mesmo, aporte é pouco. A Fundação Ford apostou em vocês. Isso, você acha... Bom, obviamente criou um campo que não existia em outras instituições principalmente nesse âmbito latinoamericano. Agora, ter recebido esse apoio da Ford você acha que dificultou outros aportes? “Eles já recebem tanto dinheiro da Ford que não precisa apoiá-los” ou, ao contrário, ter recebido dinheiro da Ford vocês ganharam um grife: “isso aqui é bem feito, sério” portanto facilita?

S.C. – É. Às vezes eu penso que o fato da gente ter ganhado dinheiro da Ford tem um processo de auto-censura no sentido: “Bom, não vamos concorrer com outras instituições em relação a outros recursos já que nós temos esse recurso”. Bom, no fundo não me parece... Isto é uma outra coisa que eu achei muito interessante na relação com a Ford: nós fomos acompanhados durante muito tempo por uma program officer de Nova York chamada Barbara Klugman que

é uma figura excepcional, não é? E uma das discussões que a gente sempre tinha com a Barbara, isso no âmbito de todos os centros, era como a Fundação apareceria nos materiais que a gente produz. E é muito interessante porque a Barbara contrariamente ao que eu, pelo menos, esperava sempre foi muito: “Bom, vocês façam... Não necessariamente precisa colocar a Fundação Ford em todos os materiais. Vocês tenham uma política própria em relação a isso”. Inclusive a discussão ia um pouco por aí: até que ponto era importante, interessante que isso se vinculasse tão fortemente à Fundação uma vez que era um projeto, claro, iniciado pela Fundação, uma aposta da Fundação, mas aposta que isso, de algum modo, se estabilizasse e ganhasse suas próprias pernas. Então isso era algo que a gente discutia, no caso, com a Barbara. Porque claro que o vínculo do projeto como um projeto da Ford, apenas em parte é verdade, obviamente é uma negociação, poderia não só criar constrangimentos em relação a financiamentos, mas criar uma falsa ideia de que era um projeto da Ford quando de fato era um projeto do IMS – da Universidade em parceria com outras instituições, apoiado pela Fundação. Então é interessante. Isso foi uma discussão explícita com a Barbara em algum momento e, pelo menos, a posição que ela tomava era muito, enfim, aberta, pouco possessiva em relação ao projeto. Tipo: “Esse é um projeto nosso. Nossos nomes têm que aparecer em todos os lugares”. Não, pelo contrário.

L.O. – Eu estou lembrando que eles querem que a gente levante todos os livros que a Fundação Ford financiou nesses últimos anos. E nós estamos exatamente nisso. De repente você está vendo um livro e aí tem um que tem assim: “Fundação Ford apoio”. O outro que é parente próximo não tem. Nós estamos fazendo um pouco... Colocamos uma venda e estamos caçando, porque é difícil. As publicações que são resultados de grande pesquisas, tem algumas que tem lá o logo da Fundação outros não.

H.A. – Bom saber que no caso de vocês, a gente provavelmente não encontraria material, não é?

S.C. – Não, você vai encontrar.

L.O. – Não em todos.

S.C. – Não em todos, não... Entendeu? A gente sempre coloca o apoio, claro. A gente reconhece o apoio, mas era uma coisa... Enfim, a gente não tinha uma preocupação de estar o tempo todo falando, o tempo todo citando, porque de fato é isso. Não sei, poderia ter sido diferente talvez, se a atitude da Fundação fosse outra? Não sei, mas concretamente, para nós, isso não é um projeto da Fundação, é um projeto nosso. Então, quando a gente fala dele, quando a gente conversa sobre ele, a gente está falando sobre um projeto que tem um apoio da Fundação, que a Fundação teve um papel importante na própria articulação do projeto. Quer dizer, não foi um projeto que nós chegamos que o projeto estava pronto como acontece em alguns casos; você tem um projeto pronto e você vai pedir um apoio. Não, o protagonismo da Ford foi muito maior nesse caso do que em outros projetos que você só vai já com o projeto pronto. Esse projeto é uma iniciativa da Fundação em certo sentido: a criação desses centros, essa grande articulação. Mas ele mesmo assim ele não tem esse caráter...

L.O. – Ganhou uma autonomia... Cresceu.

S.C. – Até porque isso, as diretrizes eram muito... É claro que havia algumas diretrizes. A gente não podia trabalhar... A partir do momento que a sede no Peru não foi implantada, não era uma opção trabalhar apenas com o Brasil porque era um Centro latinoamericano. Então havia algumas ideias que estavam... Mas eram ideias com as quais a gente concordava e algumas delas a gente achava ótimas. Então não era um grande problema enquanto isso se dava. Mas eram coisas muito abertas, não eram propostas muito fechadas. Quer dizer, cada centro podia se configurar de uma maneira específica. Agora, eram Centros, estavam articulando regiões. Agora, isso tudo para a gente era muito bem vindo, quer dizer, foi um encontro, nesse sentido. Porque a gente também tinha uma avaliação de um grande isolamento do Brasil no geral, na América Latina, que tudo mundo sabe, essa expressão é antiga: “O Brasil dá as costas para a América Latina”. Então para a gente isso era algo que a gente já vinha pensando internamente, no próprio IMS, nas nossas discussões. Então nada disso nos parecia exótico, estrangeiro ou imposição de um agência que estava falando de um outro contexto. Até porque tudo isso é muito mediado pelas program officers locais, não é? Bom, isso é uma história da Fundação que eu não sei, mas a partir de um certo momento passou-se a investir muito em pessoas dos próprios países em que a Ford atua, em seus escritórios, na chefia dos escritórios, que no caso foi a Ondina.

L.O. – A Ondina foi a primeira...

S.C. – Que também é antropóloga, não é? Então tínhamos vários pontos de contatos.

L.O. – Isso aí. Você está lembrando de mais alguma coisa, Helena, que possa...?

H.A. – Eu acho interessante uma questão, assim, mais ampla de pensar a importância da Ford nesse campo de sexualidade como um todo. Como é que você... Porque a gente sabe, lendo até história, mesmo no livro dos 40 anos da Ford no Brasil, que houve momentos também já [INAUDÍVEL] que o pessoal que está lá hoje questiona, não é?

S.C. – Por exemplo?

S.C. – Por exemplo o Bemfam. Esse tipo de questão que são coisas de momento que eu acho que estão muito de acordo com o contexto da época, não é?

S.C. – Pois é, eu acho que a questão da sexualidade vai se construindo dentro da Fundação a partir de vários problemas sociais, não é? A gente sabe, não são tão objetivos, são construções políticas, também, os chamados problemas sociais. Mas eu acho, de um modo geral, essas fundações... É uma fundação beneficente, ela se orienta, de um modo geral, pelos grandes problemas, pelo diagnóstico dos grandes problemas. Então eu acho que a sexualidade foi sendo construída dentro da Fundação - e eu acho que não deve ser só dentro da Fundação - a partir disso, seja explosão demográfica em um determinado momento, seja a gravidez na adolescência, seja a Aids, seja a discriminação e a violência. Então são essas entradas que o tema teve na Fundação. Agora, mesmo assim não são todas as Fundações e Agências que assumem essas questões. São questões, às vezes, bastante... Principalmente quando você entra na discussão sobre homossexualidade, por exemplo, ou mesmo sobre a Aids, houve uma recepção grande a essas questões na Fundação, não é? Isso vai consolidando na área de reflexão sobre sexualidade de suporte, apoio a projetos nessa direção, o que não é algo muito evidente. No cenário das agências e tal, você não tem muitas agências que invistam nessa... Os financiamentos são... Bom, são áreas moralmente delicadas, muito sensíveis, não é? Vocês se

lembram, durante o Bush, que mesmo investimentos ou doações que tivesse origem no governo americano não podiam chegar a grupos de prostitutas, por exemplo. Teve um momento importante que o Serra devolveu uma verba que vinha pela Usaid, porque não podia ser usada para grupos que discutissem prostituição, que fossem de prostitutas. Você tinha toda uma política bastante puritana do governo Bush. Isso eu acho que, de algum modo, singulariza a Fundação, não é? Se qualquer Fundação tem preocupações ou se orienta a partir de uma identificação de problemas sociais, alguns problemas sociais são secundarizados, digamos assim, pela maior parte das fundações e na Fundação Ford não. Eu acho que essas discussões ligadas à sexualidade tiveram e tem ainda, mereceram uma grande atenção da Ford. Isso passa pela demografia, por várias instituições brasileiras que a Ford teve um papel importante na consolidação, não é?

H.A. – Na criação do campo mesmo, não é?

S.C. – Na criação do campo, é.

H.A. – E para o futuro, Sérgio, como é que está aí o planejamento desses dez anos? Vocês vão celebrar, o que vocês estão pensando para frente?

S.C. – Pois é, o futuro está um pouco...

L.O. – À Deus pertence. [riso]

S.C. – Porque no fundo... Nós estamos agora trabalhando arduamente na institucionalização, na consolidação do Clam, no seu enraizamento na Universidade, na Uerj. Porque, de fato, dez anos parece um círculo já longo de suporte. Então a perspectiva agora é que a gente comece a consolidar o Clam fora da Ford ou prescindindo desse suporte foi crucial durante um certo momento – na construção do grupo, enfim.

H.A. – E para os outros países latinoamericanos envolvidos deve ser complicado também, não é? Você está falando da Uerj que tem aí todo um apoio institucional.

S.C. – Sim. A ideia é que a gente continue tendo um aporte latinoamericano. Quer dizer, o que a gente fez a partir de um determinado momento foi investir em tecnologias que propiciassem essa participação. Então, por exemplo, o website ou uma revista eletrônica são tecnologias, que mesmo que sejam sediadas no país, elas permitem esse envolvimento sem grande dispêndio, porque você não tem viagens, não tem reuniões, você pode fazer a coisa mais via internet. A gente tem três grandes investimentos aí que é formação online. Então a gente está tentando esses cursos de formação, mesmo especialização, a gente está desenvolvendo basicamente online. Até para poder ser replicado em outros países ou poder envolver outros países que ainda não aconteceu. A revista que é online e o website. São os três grandes projetos que a gente tem hoje, todos eles envolvem outros países. Então a ideia é que mesmo que se consolide na Uerj, ele não perca a sua perspectiva latinoamericana. Não é se abrigar nesse sentido de se restringir ao contexto brasileiro, não é?

L.L. – Uma última pergunta. Eu queria até conversar isso fora da nossa...

H.A. – Pode ser fora.

S.C. – In off? Pode ser.

[FIM DO DEPOIMENTO]